



Sociedade das Ciências Antigas

NA SOLEIRA DA PORTA ALQUÍMICA

Transformando-se em mulher, a Arte Real desceu à terra e passou a procurar por um marido.

Primeiro procurou entre os buscadores entre os que se chamavam "alquimistas", procurou entre os apaixonados pela Pedra Filosofal...

Depois procurou entre os reclusos, entre os estudiosos da Ciência Hermética, procurou entre os filósofos fechados em seus laboratórios.

Passou pelos bosques, aprofundou-se pelas escuras florestas, escalou montanhas e os mais altos picos.

Andou pelas cidades, por becos e vielas, no meio da multidão, entre parques e construções. Não houve lugar por onde a Mulher não tivesse procurado.

Os primeiros, apaixonados pela Pedra, como todos os apaixonados estavam cegos pelo seu objeto desejado. A procuravam por toda parte, falavam sobre ela, escreviam-lhe tratados e alguns, até poemas. Não viram, contudo, quando Ela acenando, mostrou-lhes seu coração. Não a reconheceram, viram apenas mais uma mulher...

Os filósofos de laboratório, mais sábios que os primeiros, haviam descoberto alguns segredos da Arte. Mas, trancados em seus castelos, recusavam a misturar-se entre os homens do mundo e repartir com eles, o pouco de Luz que encontraram.

Parando na sua caminhada, a Arte Real decidiu publicar uma pequena obra, contendo os requisitos necessários para seus futuros eleitos. Nela falava das Virtudes que o noivo deveria possuir e o tempo necessário à preparação do Casamento.

Paciência, constância, prudência, silêncio e solidão. Enxergar atrás dos símbolos, conhecer a linguagem dos Astros, a Sabedoria das pedras, a medicina das plantas. Praticar a Caridade, ter Fé, não julgar ninguém e distribuir os frutos de seu Trabalho, eram alguns dos requisitos exigidos.

O Casamento se processaria no decorrer de longos anos, ninguém saberia e jamais o noivo tocaria na noiva.

Alguns apresentaram-se, mas foram imediatamente despedidos.

A humildade, era um dos requisitos também, e quem achava que possuía Sabedoria, Prudência e outras Virtudes, o suficiente para desposar a Grande Arte, não as tinha de fato.

Outros, reconhecendo o limite de suas capacidades e seu despreparo, passaram daquele momento em diante a trabalhar para o conseguirem. E assim o tempo passou...

Os apaixonados enlouqueceram, os egoístas morreram sozinhos, os que achavam-se humildes venderam seus livros e desistiram da Obra e os que começaram sinceramente a trabalhar, sem pressa, nem pausa, como recomenda a Mãe, num dado momento de suas vidas, riram...

Riram como a Arte Real, como a Mulher do alquimista na sua noite de núpcias.

Riram não um riso de alegria, mas um riso de satisfação e descoberta. Como o de um adulto que recorda as brincadeiras de criança, como o de uma criança que olha as atitudes nervosas de um adulto.

A Arte deseja dos artistas esta presença, antes, mobilidade de espírito. Exige um recordar sempre, um tombar constante de ilusões.

O polimento da Pedra, a brancura que nasce da escuridão plúmbea e do vermelho cardeal, nasce disso.

Na face de um verdadeiro Adepto da Arte, encontraremos rugas de sofrimento e sinais de sacrifício. Mas nunca aquela melancolia e tristeza que lhes são dedicadas. Antes convida-se a olhar detalhadamente a própria face ou o rosto daqueles consumidos pela procura egoísta dos mistérios de Hermes.

FIM